CINEMATECA PORTUGUESA - MUSEU DO CINEMA
A CINEMATECA COM A PORTO SUMMER SCHOOL ON ART & CINEMA
30 de Junho de 2026

ADVENTURES IN MOZAMBIQUE AND THE PORTUGUESE TENDENCY TO FORGET / 2016

Um filme de Ângela Ferreira

Realização e Argumento: Ângela Ferreira / Montagem: Patrícia Leal / Som: Nuno Rua / Vozes: Monika Mukerji, João G Rapazote.

Portugal, Moçambique, 2016 / Cópia: ficheiro digital, cor, falada em português e legendado em inglês / Duração: 19 minutos / Inédito comercialmente / Primeira exibição na Cinemateca.

R21 Aka RESTORING SOLIDARITY / 2022

Um filme de Mohanad Yaqubi

Realização: Mohanad Yaqubi / Argumento: Mohanad Yaqubi, Lisa Spillieart, Rami El Nihawi / Direcção de Fotografia: Casey Asprooth-Jackson / Som: Raf Enckels / Montagem: Rami El Nihawi / Narração: Lisa Spillieart.

Produtores: Sami Said e Vincent Stroep / Cópia digital, colorida, legendado em inglês e electronicamente em português / Duração: 71 minutos / Inédito comercialmente / Primeiras exibições na Cinemateca: 23 de Maio e 1 de Junho de 2024, "A Cinemateca Com O Indielisboa – Director's Cut".

Sessão com apresentação

Duração total da projeção: 90 minutos.

***

Adventures in Mozambique and the Portuguese Tendency to Forget é um filme de Ângela Ferreira, fazendo parte também de uma instalação maior a que a artista e cineasta nascida em Moçambique em 1958 deu o nome *A Tendência Para Esquecer/Tendency to Forget,* trabalhando, mais uma vez, o passado colonial português e questão da memória. Ângela Ferreira aborda o trabalho do casal de antropólogos portugueses Jorge e Margot Dias, cuja importância das investigações sobre o povo Maconde no Norte de Moçambique nos anos 1950 teve um papel indiscutível para os estudos de etnologia em Portugal e no estrangeiro, mas a originalidade do seu gesto reside no modo como explora a relação entre o seu trabalho e o contexto político em que foi produzido, salientando as ligações entre antropologia e formas de controlo do território associado ao colonialismo.

Se de ambos os membros do casal conhecemos a produção escrita, de Margot conhecemos ainda os extraordinários filmes etnográficos em 16mm, que realizou durante as respectivas viagens a

Moçambique entre 1957 e 1961, ano da última viagem, que corresponde ao início da Guerra Colonial Portuguesa. E são esses mesmos filmes que encontramos por detrás das palavras de Jorge Dias, que ouvimos em *off* numa das partes deste filme de Ângela Ferreira, que se organiza de forma bipartida e é narrado a duas vozes.

Uma montagem de imagens que retrata Lourenço Marques como capital cosmopolita e moderna, apropriadas de um documentário saudosista sobre Maputo no período colonial, **Moçambique – No Outro Lado do Tempo**, comercializado em cassetes vídeo em 1996, contrasta com imagens etnográficas reproduzidas em vídeo dos filmes de 16mm que Margot Dias realizou no final dos anos cinquenta (entretanto restaurados pela Cinemateca e pelo Museu Nacional de Etnologia). Tal contraste entre uma "cidade dos brancos" e uma "etnografia dos negros" estende-se às relações entre a imagem e o som (o texto) de cada uma das partes referidas.

Sempre a acompanhar as imagens etnográficas de Margot, as palavras de Jorge Dias correspondem a excertos dos relatórios das campanhas que realizou em Moçambique no período em questão, palavras recolhidas por Ângela Ferreira para o filme no Arquivo Oliveira Salazar, na Torre do Tombo. Informação sobre a situação política e social em zonas como a Rodésia e Niassa, que era pedida a Jorge Dias pelas altas instâncias portuguesas associadas ao Ministério do Ultramar, cruza-se com as imagens de Margot que registam os povos nativos em aldeias, as suas tradições e costumes. Por outro lado, as palavras mais impressionistas dos cadernos de Margot, ditas por uma voz feminina com sotaque estrangeiro, fazem-se acompanhar por imagens do quotidiano da população maioritariamente branca na cidade ou na praia. Entre considerações pessoais e descrições de cariz antropológico, uma entrada de diário narra a história de um violento parto de uma mulher Maconde, que acabou com a sua morte, história que colide claramente com as imagens festivas da população branca, que nos são dadas a ver. De um modo subtil, mas incisivo, o filme de Ângela Ferreira revela assim, não só a importância do trabalho científico do casal de antropólogos, como a agenda política por detrás das missões promovidas pelo regime ditatorial português no contexto das vésperas de uma Guerra Colonial.

Joana Ascensão

***

Há uma extensa "filmografia da Palestina" feita por estrangeiros, cujos inícios, no princípio dos anos 70, coincidiu com o acréscimo de visibilidade internacional da questão palestiniana, através das acções espectaculares da OLP, das respostas israelitas, e um longo e nunca concluído etc. Há algum tempo vimos nestas salas **Promised Lands**, de Susan Sontag, feito durante esses anos, e dessa época há também, claro, é mesmo um clássico desta "filmografia estrangeira da Palestina", o **Ici et Ailleurs** de Jean-Luc Godard e Anne-Marie Miéville. Entre os estrangeiros atraídos, nessa altura, pela Palestina, contaram-se muito especialmente os japoneses, sobretudo cineastas e intelectuais que militavam em grupos de extrema-esquerda, como Masao Adachi ou Koji Wakamatsu (de quem já vimos também **United Red Army**).

O interesse japonês pela Palestina vem especialmente ao caso a propósito de **R21**, porque ele está na sua origem. Uma intelectual japonesa, Aoe Tanami, guardava há décadas cerca de duas dezenas ("r21", abreviatura de "reels 21", 21 bobinas) de cópias em 16mm de filmes feitos entre os anos 60 e os anos 80, quase todos em clandestinidade ou semi-clandestinidade, por cineastas de várias

origens (e não apenas japoneses), em vários países do mundo árabe (e não apenas na Palestina). Tanami guardava os filmes com a intenção de um dia os oferecer a um realizador palestino, e isso veio a acontecer com Mohanad Yaqubi (n. 1981). Yaqubi catalogou os filmes, digitalizou-os, e começou por apresentá-los num formato de instalação. Depois, quis conceber um filme que funcionasse como uma espécie de arquivo para essas bobinas todas – e daí resultou **R21 aka Restoring Solidarity**, que monta os filmes doados por Tanami (ou pelo menos parte deles) num só objecto.

A possibilidade de os ver, de encontrar documentos raros e preciosos sobre muitos aspectos da vida palestina e do Médio Oriente nas últimas décadas, dos menos violentos aos mais violentos (o segmento com imagens do massacre nos campos de refugiados de Sabra e Chatila, no Líbano, é especialmente interessante), faz o essencial de **R21**, um essencial que de facto "restaura" qualquer coisa, se não a "solidariedade", pelo menos outra coisa bastante importante, a memória, e a garantia da sua preservação. Face a todo o contexto – que é também o contexto em que estamos presentemente, e em que vamos ver o filme – é mais ou menos inevitável que **R21** seja tudo menos um objecto analítico, frio, ou mesmo um objecto absolutamente confiante no poder das suas imagens. Perdoa-se mais o primeiro caso, o facto de **R21** procurar agir a nível emocional e ser, nesse sentido, mais uma obra propagandística do que um trabalho de análise história – mas tudo isto é, mais do que apenas perdoável, perfeitamente compreensível. Perdoa-se menos a segunda questão, que se revela pela maneira como o filme raramente nos deixa a sós com as imagens que compila, e precisa de as afogar numa narração "off" que insistentemente, mais do que só "explicar", conduz o pensamento e a emoção do espectador, deixa-lhe muita pouca margem para uma relação directa com todas aquelas imagens. Mas, enfim, é preciso aceitar isso. Até porque, naquele momento perto do fim em que a narração explica a proximidade dos japoneses com a Palestina através da bomba atómica (como se fossem histórias comparáveis, como se Hiroshima e Nagasaki tivessem saído do nada e não houvesse também aí uma longa história), fica perfeitamente evidente que **R21** está mais próximo do "slogan" do que de uma vontade de rigor histórico.

Luís Miguel Oliveira

*Texto escrito em Maio de 2024 por ocasião do Ciclo, "A Cinemateca Com O Indielisboa – Director's Cut".